

AGOSTINHO, NOSSO IRMÃO

Texto original: José Oroz Reta
Tradução: Simone Maia Bandeira
Margarete Xavier Pereira

A TI, LEITOR AMIGO

Com frequência, tens ouvido falar de Santo Agostinho. Mas, o que sabes desse santo? Poderias dizer-me onde nasceu? Em que ano, ou mesmo, em que século viveu? Conheces alguns detalhes da vida desse grande santo?

Viveu há muitos anos. Nasceu há mais de mil e seiscentos anos. Agostinho não é espanhol nem francês nem italiano. É um nativo do Norte da África, onde floresceu, de forma brilhante e fecunda, uma das cristandades mais vivas dos primeiros séculos.

Agostinho, desde menino, sentiu, como tu, muita vontade de jogar. Também como tu, não se viu muito atraído pelos estudos, apesar de suas qualidades extraordinárias na escola. Porém, fez boa carreira nas letras, chegando a ser professor na escola de seu povoado e, mais tarde, em Roma e Milão. Suas excelentes qualidades literárias e, sobretudo, sua oratória eram bem conhecidas de todos.

Contudo, essa vida não o preenchia por inteiro. Sentia-se insatisfeito em sua profissão. Agostinho buscava o descanso na filosofia, na posse da verdade. Que é a verdade? Onde pode encontrar o homem a verdade e a felicidade? Onde está Deus? Como é que Deus, tão bom e tão bondoso, permite o mal que há no mundo?

Aos trinta e dois anos, aquele professor de retórica descobre a Cristo ou, mais exatamente, Cristo deixa-se encontrar por Agostinho, que pede o Batismo. E uma vez batizado, Agostinho já não vive senão para Deus. Abandona toda glória do mundo. Abandona Milão, onde desempenha o cargo oficial de mestre de retórica, e regressa à sua África natal, que nunca mais deixará.

Com um grupo de amigos, começa a viver como monge, dedicando-se por completo ao estudo da Sagrada Escritura e ao serviço de Deus e de seus irmãos.

De imediato, sua fama de homem de Deus chega a muitos recantos, e os cristãos do seu povoado e das cidades vizinhas rogam-lhe que aceite o sacerdócio. E, mais tarde, o episcopado.

Assim, durante mais de quarenta anos, vivendo uma vida simples e pobre, Agostinho não cessa de fazer conhecer aos cristãos e aos pagãos, de sua pátria e do estrangeiro, o amor de Deus que havia mudado o rumo de sua vida.

Agostinho é um pregador famoso da Palavra de Deus.

Agostinho converte-se num escritor extraordinário e, ao mesmo tempo, num lutador terrível contra os erros ou heresias que aparecem na Igreja africana.

Agostinho é incansável e brilhante lutador, mestre excepcional e formador de incontáveis bispos, sacerdotes e monges que, a partir daquelas regiões de Hipona e Cartago, levaram a mensagem do evangelho a outras cidades do norte da África, inclusive, do sul da Itália, da Espanha e da França.

Isso, porém, já tem mais de mil e seiscentos anos... E, apesar de tantos anos separarem-nos daqueles tempos, Agostinho segue vivo, inclusive, em nossos dias.

Aquele bispo de Hipona não tem cessado de nos dar lições de vida cristã, graças a seus ensinamentos, contidos em seus inumeráveis livros e, sobretudo, por meio do exemplo de sua vida, entregue, por completo, a Deus e aos homens.

Aquele santo africano dos séculos IV e V é um dos maiores santos da Igreja de todos os tempos, ao mesmo tempo em que se apresenta aos que buscam a Deus, aos que estudam a trilha da verdade e da felicidade, como o irmão e companheiro do caminho que percorreu antes deles, superando as mesmas dificuldades, obstáculos e perigos. Por isso é que te convido à leitura destas páginas.

Eu as escrevi para ajudar-te a descobrir, ainda que parcialmente, alguns dos traços notáveis do santo que desejas seguir e imitar. Muitas vezes, será o próprio Agostinho que, como irmão maior, guia e mestre, contar-te-á suas aventuras e te mostrará o caminho que deves seguir em tua própria vida.

Contempla e admira sua vida!

Escuta e põe em prática suas lições!

CAPÍTULO 1 UM MENINO COMO OS DEMAIS

Agostinho nasceu no dia 13 de novembro, do ano 354, em Tagaste, atual Souk-Ahras, situada na Argélia, na fronteira com Túnez. Quando Agostinho nasceu, Tagaste pertencia à província da Numídia, que os romanos haviam colonizado no século I, a. C.

Agostinho é de origem africana, mas é cidadão romano e fala a língua latina, que os colonizadores romanos levaram aos povos conquistados: Espanha, França e Romênia.

Pais de Agostinho

Em Tagaste, quase todos os habitantes são cristãos. Seguindo o costume daqueles tempos, embora a mãe de Agostinho, Mônica, fosse uma cristã muito fervorosa, o menino não foi batizado. Comumente, se esperava que a criança chegasse a uma idade um pouco avançada para receber o batismo e, mediante ele, ver-se livre de todos os pecados.

Aqueles cristãos pensavam que os pecados cometidos depois do batismo eram muito mais graves e, por conta disso, perdoados com maior dificuldade. Conseqüentemente, os cristãos preferiam ser purificados pelas águas do batismo o mais tarde possível.

O menino Agostinho, de acordo com o costume de então, recebe o sinal da cruz sobre a fronte e, em seus lábios, o sal consagrado. Com esses ritos, fica já inscrito entre os catecúmenos.

Patrício, o pai de Agostinho, é um proprietário modesto que pertence aos notáveis da cidade. Homem sério e formal, permanece pagão, como muitos dos habitantes da África do Norte daqueles tempos. Contudo, sabe respeitar a fé cristã de sua esposa e deixa que a mãe eduque religiosamente a seus filhos.

Os pais de Agostinho têm um caráter muito diverso. Mônica recebeu de uma velha criada da casa a educação que convinha às jovens de seu tempo. Entrega-se, de corpo e alma, ao serviço do marido e sabe satisfazer seus desejos e caprichos, ao mesmo tempo que busca suportar com alegria seus violentos ataques de cólera.

“Educada na honestidade e temperança, e sujeita, mais por ti a seus pais, que por seus pais a ti, chegada a plenitude da idade núbil, foi entregue em matrimônio a um varão, ao qual serviu como a seu senhor, e se esforçou para conquistá-lo para ti, falando-lhe de ti com seus costumes, com os quais belamente a adornaste, tornando-a amável e exemplar com seu marido.

Suportou de tal modo os encargos do matrimônio, que jamais teve, nesse ponto, a menor rinha com seu esposo desleal, pois esperava que tua misericórdia viesse sobre ele e confiava que tua graça o faria castro”. - (Conf. 9, 9, 19)

Doçura de Mônica

Além do mais, Mônica sabe restabelecer igualmente a paz entre as pessoas inimigas. Com suavidade, prudência e discrição, busca evitar os comentários e fofocas que as vizinhas lhe fazem saber.

“Também, o’ Deus meu!, lhe havias concedido este outro grande dom: de mostrar-se pacífica, sempre que podia, entre pessoas em desavenças e de enfrentá-las de tal modo, que, ouvindo de uma parte e de outra as recíprocas e amargas recriminações que pudessem declarar a inimizade e a discórdia, nunca contava a uma das partes o que ouvira da outra. Tão somente comunicava o que podia contribuir para cicatrizar as feridas e reconciliar as pessoas”- (Conf. 9, 9, 21)

A mãe de Agostinho era, como agora se diz, uma “boa mulher”, piedosa. Mônica rezava continuamente pela conversão de toda a sua família. Sabia sofrer em silêncio e esperava a hora do Senhor.

E Deus via com paciência e amor a atitude daquela boa mulher. Por isso, após muitos anos, finalmente, teve a alegria de ver a seu marido convertido à verdadeira fé.

Apaixonado pelo jogo

Agostinho vai crescendo como um menino qualquer, e como os outros meninos de sua idade, às vezes, trata de fazer trapaças no jogo com intuito de ganhar a todo custo. A paixão pelo jogo despertara muito sedo naquele pequeno africano que “nas lutas, amava a soberba da vitória”, como ele mesmo reconhece.

Cativavam-lhe os espetáculos públicos, que tinham um lugar em seu povoado e, como nos recorda ele mesmo, “uma curiosidade cada vez mais forte brilhava em meus olhos ante às diversões dos adultos”.

Aquele menino apresentava-se entre seus amigos como chefe da turma, e a vivacidade e agudeza de seu gênio abriam-lhe facilmente o caminho para o sucesso.

Agostinho também não se diferenciava muito dos meninos de agora.

“Quando eu era menino, não gostava de estudar, e me aborrecia se me forçassem na escola. E, apesar de tudo, obrigaram-me a isso; e, agora sei que, assim, fizeram-me um grande bem. Custava-me muito estudar, e só aprendia as letras porque a isso me obrigavam meus mestres e meus pais” - (Conf. 1, 12, 19)

Apesar de tudo, como aquele juvenzinho dá mostras de uma inteligência excepcional, todos ficam boquiabertos quando Agostinho declama passagens de Virgílio, de Salustio, de Cícero, de Terencio e de outros autores que os meninos de então deviam decorar na escola.

Um dia, o mestre vê-se surpreso diante de um trabalho que Agostinho apresenta-lhe: crê que o copiara ou que outras pessoas o fizeram. Pensa que Agostinho fez trapaças, como fazia, às vezes, no jogo. E ante o assombro e a admiração do mestre e seus companheiros, Agostinho, numa exibição de memória, recita-lhes passagens que ninguém conhecia.

A palavra introduz-se com sangue

“Para poder buscar honras humanas e falsas riquezas, enviaram-me à escola para que aprendesse umas letras, cuja utilidade ignorava eu durante aqueles anos de minha infância. E se era preguiçoso para aprender aquelas letras, meus mestres castigavam-me — método aprovado pelos adultos.

E eu, ainda criança comecei a invocar-te como meu refúgio e amparo. E nessas orações rompia as ataduras de minha língua, e, apesar de meus poucos anos, te suplicava com fervor que não me castigassem na escola.

E quando tu não me escutavas, o que sucedia para o meu bem, riam-se de mim as pessoas maiores, inclusive, meus pais. Contudo, meus pais não desejavam que me acontecesse nada de mal por conta dos golpes do castigo, que me resultavam muito dolorosos e pesados”. - (Conf 1, 9, 14)

Observando essas recordações da juventude, podemos crer que realmente eram muito duros aqueles castigos da escola, sobretudo, para uma alma tão delicada como a de Agostinho. Podemos deduzir que assim como sofria ante os açoites da escola, o jovem Agostinho alegrava-se com os triunfos no jogo e com o êxito entre seus companheiros.

CAPÍTULO 2 DE TAGASTE À MADAURA

Mas, apesar de tudo, aquele menino inteligente e esperto saiu-se bem na escola de seu povoado e terminou os estudos com brilhantismo.

Tagaste, onde passou sua infância, não é mais que um povoado sem importância, que não oferece nenhuma alternativa ao jovem Agostinho. E Patrício, que se dá conta das

qualidades excepcionais de seu filho, o envia para prosseguir seus estudos em Madaura, a atual Mdaourouch, com a idade de 12 ou 13 anos.

Destaca-se na escola

A esta idade, Agostinho não muda de caráter. E, como sempre, irrita-se se o obrigam a trabalhar ou se lhe impõem esforços alheios ao gosto de sua idade. Sente grande afeição pela poesia. E dotado de uma memória prodigiosa, continua colhendo triunfos na escola. Aprende passagens inteiras dos principais autores que se estudavam na escola: Terencio, Plauto, Sêneca, Salustio, Horacio, Apuleyo, Cícero e, sobretudo, o grande poeta Virgílio.

Detesta Homero, que o obrigava a aprender a gramática grega e um enorme vocabulário.

Virgílio, ao contrário, lhe é encantador. O lê diretamente em latim, sua língua materna, como as crianças brasileiras lêem as obras de nossos melhores escritores.

Dido e Eneas

Agostinho sente-se loucamente atraído pelos formosos versos de Virgílio, que contam a história legendária dos amores de Dido, a rainha de Cartago, e de Enéas, o valoroso herói troiano, nobilíssimo antecessor dos romanos.

Seguindo os métodos de então, seu mestre o manda escrever umas páginas sobre o tema de Dido e de Enéas. Agostinho esforça-se para além do comum e é tal o êxito daquelas páginas, que o mestre lhe pede que as leia em voz alta para toda a escola. Seus companheiros o aplaudem entusiasmados, e o jovem escritor sente-se completamente satisfeito por seu triunfo.

Recordações da escola

As experiências desses anos de estudante em Madaura, no-las descreve Agostinho no final do primeiro livro das Confissões. Aconselhamos ao leitor a leitura dos capítulos 19 e 20 desse livro.

Num, temos a confissão do mal que lhe fez a escola, enquanto que o outro contém um cântico de ação de graças a Deus que lhe permitiu aquela experiência; ao Senhor que é o autor de tudo que o homem possui de bom e de precioso.

“Contudo, Senhor, criador e dono do universo, Deus meu, te dou graças, ainda que te houesses contentado com fazer-me somente criança. Porque ainda assim, eu era, vivia e sentia e tinha o cuidado de minha integridade, que era o reflexo de tua unidade. Buscava eu a todo momento a unidade interior e deleitava-me, sobretudo, na posse da verdade.

Não queria que me enganassem: tinha uma boa memória e me instruía com a conversação. Deleitava-me a amizade, esquivava-me da dor, da ignorância e do desprezo. Que havia num ser animado como homem que não fosse admirado e digno de louvor? Mas todos esses dons são presentes de Deus, pois não os recebi de mim mesmo.

Bom é o que me fez, e ele é o meu bem e nele alegro-me por todos os bens que integravam minha meninice. Então, eu pecava por não buscar nele, senão em suas criaturas, em mim mesmo e nos demais, os deleites, as honras, as verdades. Por isso logo caía eu em tristezas, confusões e erros.

Graças te dou, doçura e glória minha, confiança minha e Deus meu; graças te dou por teus dons: guarda-os. Assim guardarás também a mim, e os dons que me destes multiplicar-se-ão e se aperfeiçoarão. E eu serei contigo porque és tu mesmo que me dás a existência”.- (Conf. 1 20, 31)

Podemos pensar que Agostinho exagera, ao menos em parte, acerca de sua conduta durante aqueles anos de estudante em Madaura. Quando escreve suas Confissões, já é bispo de Hipona, e olha sua vida de outra perspectiva. Os pecados da juventude sempre são compreensíveis, ainda que, nem por isso, sejam justificáveis.

O fato é que, apesar da conduta que nos refletem os textos das *Confissões*, o jovem estudante de Madaura aproveitou bem as lições de seus mestres. Os amigos de Patrício o aconselharam a enviar seu filho a Cartago, a capital política e universitária. Ali, portanto, poderia seguir os estudos superiores que lhe abririam as portas da sociedade intelectual de então.

Pensando em Cartago

Mas, para isso era preciso muito dinheiro e os pais de Agostinho não dispunham do que seu filho necessitava. Por isso, aos 16 anos, os estudos de Agostinho são bruscamente interrompidos, à espera de uma ajuda econômica que lhe permita seguir para Cartago, brilhante metrópole política e literária da África romana do Norte.

E o que vai fazer Agostinho, aos 16 anos, à espera de que seu pai possa reunir as economias necessárias para enviá-lo para estudar em Cartago?

Agostinho pensa em ajudar seu pai a cultivar seus campos e ganhar, ele mesmo, o sustento cotidiano, enquanto espera algumas economias na casa paterna?

Sem dúvida, Agostinho, que já havia começado seus estudos especiais em Madaura, considera-se superior aos meninos e jovens de sua idade, que, por não poderem estudar, vêem-se obrigados a ajudar seus pais nos trabalhos manuais do campo.

“Naquele décimo sexto ano de minha idade, fui forçado a um descanso por falta de recursos familiares, e livre da escola, tive que viver com meus pais. Então, cresceu freneticamente em minha cabeça um emaranhado de vícios e não havia mão que os arrancasse”.- (Conf. 2, 3, 6)

“Naquele ano, meus estudos ficaram interrompidos. Meus pais trouxeram-se de Madaura, aquela cidade vizinha, onde eu já havia começado as minhas andanças, com a intenção de iniciar-me em literatura e eloquência. Entretanto, meu pai, um pobre cidadão de Tagaste, fazia os preparativos para minha viagem a Cartago com mais ilusão que dinheiro”.- (Conf. 2, 3, 5)

Patrício sentia-se orgulhoso de seu filho Agostinho e estava disposto a submeter-se aos maiores sacrifícios e privações para poder custear uns estudos que só estavam ao alcance dos mais ricos. *“Nenhum dos muitos concidadãos de Tagaste, muito mais ricos que meu pai, impunham para seus filhos semelhantes sacrifícios”*, observa Agostinho.

E como dirá o autor das *Confissões*, reconhecendo o sacrifício de sua família, *“Meu pai gastava com seu filho mais do que lhe consentia sua fortuna: meu pai dava-me dinheiro suficiente para minhas viagens e meus estudos”*.

O bispo de Hipona, quarenta anos mais tarde, confessa admirado sua gratidão pelo que seu pai havia feito por ele. É próprio dos filhos bem nascidos reconhecer o que os pais têm feito, com seus sacrifícios e privações, pelo futuro e bem-estar de seus filhos.

Anos de ociosidade

E Agostinho, ao invés de fazer algo sério durante aquele ano de estudos interrompidos em Tagaste, prefere gastar o tempo com os seus companheiros. Não havia recebido o batismo nem a instrução religiosa que, naqueles meses, talvez pudessem ajudá-lo a evitar o mal.

Amar e ser amado

Apesar dos conselhos de sua mãe, Agostinho trilha *“os tortuosos caminhos pelos quais caminham os que voltam a espada a Deus, e não o rosto”*. Agostinho sente-se feliz durante aquelas férias forçadas, e sente também os primeiros atrativos da amizade e do amor.

Em meio àquela ociosidade e folga, o jovem Agostinho deixa-se arrastar pelas forças da natureza viciada. Carente da graça e do auxílio de Deus, o jovem não pode resistir às tentações de toda espécie que se apresentam à sua volta.

Havia me feito surdo com o ruído das correntes de minha mortalidade, justo castigo da soberba de minha alma, e me ia distanciando cada vez mais de ti, e tu o consentias.

E me agitava, me derramava e me divertia, e fervia com minhas fornicções, e tu calavas. O' tardio consolo meu! Tu calavas, então, e eu me ia cada vez mais distante de ti atrás das muitas sementes estéreis de dores com uma soberba abjeção, com uma inquieta prostração" - (Conf, 2, 2, 2)

A ociosidade presta-se facilmente à desordem e a toda classe de pecados. Os jovens que não têm nada de bom para fazer, encontram muitas ocasiões para fazer o mal.

As pêras alheias

E Agostinho, como tantos jovens de todos os tempos, sente o atrativo de apoderar-se do que é alheio. E como ele diz acertadamente, *"Quis furtar e furtei. E o fiz, não impelido por nenhuma pobreza ou necessidade, senão, simplesmente, por penúria e fastio de justiça e por demasiada iniquidade, posto que roubei aquilo que eu mesmo possuía e que, além do mais, era muito melhor".*

Eis aqui como nos descreve nosso santo a famosa cena do furto das pêras:

"Havia um peral, nas imediações de nossa vinha, carregado de pêras que, nem pelo aspecto nem pelo sabor, tinham nada de apetecíveis. À meia noite, pois até aquela hora, não havíamos largado o jogo, seguindo o nosso mal costume, fomos sacudir o peral e roubar seus frutos, nós, alguns jovens com maus costumes. E não levamos dali grandes cargas, nem para nós mesmos, senão para lançá-las aos porcos. E se chegamos a comer algumas, foi só para sentir o gosto de fazer o que nos era proibido" - (Conf, 2, 4, 9)

Um pouco mais adiante, quando volta a recordar a cena das pêras, escreve Agostinho: *"Eu sozinho jamais cometeria aquele furto, no qual não me agradava o que furtava, senão o furto. E se cometi o furto, eu somente, de nenhuma maneira me alegrei nele. O' amizade inimiga em demasia, sedução inescrutável da alma, gana de fazer mal por passatempo e jogo, apetite do dano alheio sem algum proveito próprio!"*

Eis aqui a reflexão agostiniana sobre o efeito pernicioso das más companhias que, com freqüência, arrastam ao pecado até mesmo os mais sérios e formais.

CAPÍTULO 3 O ESTUDANTE DE CARTAGO

Depois daquele ano de férias forçadas, Agostinho volta a empreender os estudos com alegria, graças à generosidade de Romaniano, rico mecenas da cidade e amigo da família.

Cartago, por sua vez, é uma das capitais do Império, juntamente com Roma, Bizâncio, Antioquia e Alexandria. A cidade, que havia disputado com Roma a soberania do Mediterrâneo durante as guerras púnicas, vai exercer uma influência decisiva na alma daquele provinciano que chega para estudar com a ilusão de triunfar na vida.

Afeição ao teatro

Naturalmente, a primeira preocupação de nosso jovem estudante é assistir aos espetáculos que eram apresentados nos teatros da cidade: tragédias, comédias, óperas e balés eram apresentados sem cessar.

Sem falar nas corridas de carros e cavalos que enlouqueciam aos cartagineses.

Agostinho tem que estudar a literatura latina, a arte da palavra e a declamação em público, a filosofia, a música, a geometria, as matemáticas, a biologia, um pouco de medicina e um pouco de direito romano. Essas disciplinas serão as que mais tarde formarão o *trivium* e o *quadrivium*, nos programas da idade média, e as matérias que, no tempo de Agostinho, preparavam os jovens para a carreira do foro.

Cartago é um porto onde vivem habitantes todas as raças, de todas as religiões e de todas as línguas. O latim é a língua oficial, mas os comerciantes e marinheiros falam em grego, enquanto os camponeses utilizam a língua púnica, que haviam herdado de seus antepassados.

Há muitos cristãos nesta cidade, ainda que, desafortunadamente, estejam divididos em várias seitas. A seu lado há também muitos pagãos, e alguns dos cristãos seguem acirrados a seus costumes tradicionais, adorando uma multidão de deuses e de deusas, ao lado do verdadeiro Deus.

A cidade do vício

Como acontece nas grandes cidades, duas coisas dominam a vida em Cartago: o dinheiro e os prazeres. Daí, as mentiras, a corrupção dos costumes e os falsos testemunhos, são os vícios freqüentes naquela cidade. Agostinho desenha-nos assim aquele mundo no qual vai começar a viver.

“Cheguei a Cartago, e por todas as partes crepitava em torno de mim um fervilhar de viciosos amores”- (Conf 3, 1, 1)

O jovem provinciano sente-se subjugado por aquela vida de diversões e prazeres, sobretudo, pelas *“representações teatrais, plenas das imagens de minhas misérias e de incentivos ao fogo de minha paixão”*, como ele mesmo nos diz.

Os jogos do estádio, os combates dos gladiadores, as representações públicas ocupavam uma grande parte das jornadas de muitos dos habitantes de Cartago.

Amor e amizade

Agostinho encontra-se em plena puberdade, e como é comum a quase todos os jovens de sua idade, sente-se atraído e impulsionado pelo amor e pela amizade.

Desconhecemos o nome da mulher que Agostinho descreve de uma forma tão velada. Daquela união nasceu um filho, chamado Adeodato. Talvez nem Agostinho nem sua amiga desejassem um filho naquelas circunstâncias: ele, um simples estudante; ela, seguramente, pobre.

Mas, como quer Deus lhes conceder aquele filho, eles o recebem como um presente de Deus — daí o nome Adeodato, que quer dizer *“dado por Deus”*. E Agostinho o amará com toda a sua alma e o trará sempre consigo.

Procurará a educação e a formação daquele menino que morrerá muito cedo, aos 17 anos de idade. Adeodato é um menino muito inteligente, que, alguns anos mais tarde, no retiro de Casiciaco, será um dos mais fiéis e inteligentes discípulos de Agostinho.

Morre Patrício

No ano 371, morre Patrício, e Agostinho encarrega-se de sua mãe e de seus irmãos. Apesar das desordens, plenamente explicáveis naquela sociedade pagã em que desenvolve sua vida, Agostinho mantêm-se bastante formal freqüenta um grupo de jovens bastante travessos, mais ele não participa de suas ações e jogos pesados.

Convite à filosofia

Agostinho contava já com cerca de 20 anos, quando se encontrou com os grandes livros da Filosofia. E, num belo dia, caiu em suas mãos, com profunda admiração, a obra de Cícero, o famoso orador e filósofo romano. E leu um dos livros de Cícero, intitulado *Hortensius*, que, infelizmente, não chegou até nós.

A leitura desta obra extraordinária despertou-lhe o campo das realidades invisíveis e suscitou em sua alma o gosto e a afeição pela busca da sabedoria e da verdade. E, a partir da leitura desse livro, Agostinho começou a caminhar conscientemente para Deus, verdade suprema.

Pouco depois, Agostinho começa a ler os livros das Sagradas Escrituras, mas não os compreende; além do mais, os encontra mal escritos, sem estilo.

Para se poder entender os livros inspirados necessita de uma preparação mais profunda, que, todavia, Agostinho não possuía. Por outro lado, sua formação nas letras dos clássicos latinos o impedia de apreciar a beleza literária da Bíblia.

Em busca da verdade

Decepcionado em seu primeiro encontro com a Bíblia, Agostinho trata de buscar o caminho da verdade.

Entre seus companheiros de estudos há alguns que pertencem à seita dos maniqueus, e estes prometem descobrir-lhe a verdade que anda buscando há muito tempo.

Contudo, estes não chegam a saciar a sede da verdade, e, novamente, se vê decepcionado em seu íntimo. Agostinho viu-se seduzido por aquela funesta heresia dos maniqueus, que com sua doutrina dos dois princípios, o Bem e o Mal, destroçava a Igreja africana.

Os maniqueus admitiam dois princípios que dominavam o mundo e todos os acontecimentos e ações dos homens. O princípio do bem é o espírito, e a matéria é produto e domínio do princípio do mal. Devia-se evitar ter filhos, que são efeito da matéria, para que a humanidade acabasse o quanto antes, e assim, o espírito pudesse renovar todas as coisas.

Esta filosofia dos dois princípios será seguida durante nove anos pelo jovem Agostinho, que, como muitos outros pensadores, estava profundamente preocupado com o problema do mal entre os homens. Não crê, todavia, na responsabilidade do homem quando peca, e assim, torna-se-lhe mais fácil e simples explicar todos os pecados pela intervenção do princípio do mal.

“Eu ignorava aquela outra realidade, a única que realmente existe, e picado como que por um agulhão, fui situar-me nas filas daqueles néscios impostores e lhes perguntei de onde procedia o mal, e se Deus estava limitado, como o homem, dentro de umas formas corpóreas” - (Conf. 3, 7, 12)

CAPÍTULO 4 O PROFESSOR DE RETÓRICA

Agostinho, ao mesmo tempo que estuda tudo que cai nas suas mãos, sente-se subjogado pelos livros de astrologia. Embora o cristianismo seja a religião principal do Império, as “ciências ocultas” estão na moda por toda parte.

O jovem estudante sentiu-se atraído por tudo quanto se referia à previsão do futuro e, com freqüência, consultava aos astrólogos, enquanto que lia com avidez tudo que podia. Inclusive, se sentirá capaz de fazer um horóscopo e pensa na possibilidade de explicar o destino dos homens graças à influência dos astros.

Santo Agostinho nos conta em suas *Confissões*, onde podemos descobrir muitos detalhes de sua vida, sobretudo, no que se refere aos seu aspecto espiritual ou as lutas de sua alma para encontrar a verdade, até que ponto, quando era jovem, sentia-se atraído pelas “ciências ocultas”. Nisto também era como alguns jovens dos nossos dias, que consultam com freqüência o seu horóscopo.

Atenção ao horóscopo!

Além do mais, Agostinho via que aqueles astrólogos não praticavam sacrifícios aos deuses, tampouco dirigiam-se a algum espírito sobrenatural. Simplesmente, se limitavam a estudar a posição dos astros — daí seu nome de “astrólogos” ou matemáticos —, pois acreditavam que tudo se reduzia ao estudo dos números que intervêm na conjunção dos

astros no momento em que se produzia a concepção ou o nascimento de um homem, ou quando aconteceria algo de importante.

Em seu tempo, como agora nos nossos, havia um astrólogo de muita fama, que, além de inteligente e prudente, era um perito em medicina. Em certa ocasião, este médico famoso, que era pré-cônsul, isto é, a autoridade que substituíra ao cônsul, havia presidido um concurso de poesia, ganho por Agostinho, que foi premiado com a coroa de louros dos vencedores, que lhe impôs nosso médico.

A partir desse momento, estabeleceu-se uma amizade muito forte entre o pré-cônsul e Agostinho. Conversaram tantas vezes que chegou a parecer que os dois amigos, um, a muitos anos, e o outro, agora, eram aficionados aos horóscopos ou às respostas dos astrólogos. Porém, o médico já havia se desenganado e convenceu nosso jovem a abandonar aquela ficção desmesurada pelos horóscopos. Queria que Agostinho tomasse a decisão de empregar o tempo e sua inteligência em coisas mais proveitosas e sérias.

Não foi difícil ao médico convencer o jovem com a exposição do exemplo de sua própria experiência e desengano. Disse-lhe que, quando era jovem, havia pensado em dedicar-se por completo à astrologia. Quase se dedicou a essa profissão, pois pensava que estava buscando entender os escritos de medicina do famoso Hipócrates, bem como, compreender os outros livros de horóscopos. Porém, abandonou sua primeira afeição, pois estava convencido de que o que diziam os astrólogos era falso e não parecia digno a um homem sério e prudente ganhar a vida enganando outros homens.

Há que se ver o quanto vale um bom exemplo, quando o que o recebe deseja realmente mudar de vida e presta atenção ao que lhe dizem as pessoas mais velhas!

Agostinho não esquecerá com facilidade a discussão com aquele famoso médico, embora nunca se vira plenamente convencido pela doutrina dos astrólogos. Para o jovem estudante, o argumento do azar não passará de uma simples hipótese. Por outro lado, admirava profundamente a ciência dos astrônomos que, na realidade, eram os maiores sábios da antiguidade. A astrologia, para Agostinho, era como um prolongamento natural da astronomia.

De novo em Tagaste

Terminados seus estudos em Cartago, Agostinho regressa a Tagaste como professor de gramática. Sua mãe descobre, desiludida, que seu filho converteu-se ao maniqueísmo. Inclusive, havia se tornado um ardente propagador da nova religião, buscando adeptos entre um grande número de amigos seus, especialmente, seu discípulo Alípio e seu protetor Romaniano.

Mônica não pôde aceitar a conversão de seu filho e, durante algum tempo, não quis recebê-lo em sua casa. Assim, Agostinho recorreu uma vez mais à generosidade de Romaniano.

Agostinho se considera, no exercício de sua profissão de gramático e retórico de Tagaste e Cartago, "*vendedor de palavras*". Aquela profissão permitia ao jovem Agostinho uma certa independência econômica, ao mesmo tempo que podia abrir-lhe as portas da sociedade, facilitando-lhe os êxitos e triunfos do fóro e dos tribunais de justiça.

As lágrimas de uma mãe

No entanto, a mãe de Agostinho continua sem desistir de suas orações para conseguir a conversão do filho. O valor das lágrimas de uma mãe só o podem apreciar os filhos bem nascidos, e Deus não pode permanecer insensível ante à insistência de uma mãe que busca e implora para seu filho a verdade no caminho da vida. Ainda que Mônica não queira receber em sua casa o filho maniqueu, segue rogando a Deus pela conversão de Agostinho.

Então, Mônica compreendeu que seu filho terminaria por converter-se ao verdadeiro Deus, ao Deus de Jesus e não ao Deus de Mani. Após um sonho, aceitou a presença de seu filho em sua própria casa.

“Em tua presença, minha mãe chorava por mim mais do que choram as mães nos funerais corporais de seus filhos. De ti, Deus meu, lhe veio aquele sonho com o qual a consolastes, e se resignou a viver comigo na mesma casa. O que ela antes não poderia fazer por aversão e ódio aos meus erros blasfemos.

Pois é de saber que se viu em sonho estando de pé em cima de uma régua de madeira, e que vinha até ela um jovem resplandecente, alegre e sorridente, enquanto ela estava triste e consumida de dor.

E o jovem, perguntando-lhe as causas de sua dor e de suas lágrimas cotidianas, e havendo ela respondido-lhe que chorava minha perdição e meus erros, mandou-lhe que se tranqüilizasse. E lhe advertiu de que ali mesmo, onde ela estava, estaria também eu. E ante estas palavras, prestou atenção à sua volta e viu que eu estava sobre a mesma régua, de pé ao seu lado.- (Conf. 3, 11, 19)

A morte do amigo

Dissemos que Agostinho sentia uma insaciável fome de amar e ser amado. Assim, compreendemos melhor a profunda impressão que lhe produziu a morte de um amigo de infância que ele havia convertido ao maniqueísmo. A descrição que nos faz Agostinho desse amigo é a mais emotiva e delicada que possamos imaginar. Eis aqui alguns trechos.

“Nos anos em que comecei a ensinar no município em que nasci, ganhei um amigo, especialmente querido pela comum unidade dos estudos, de mesma idade que eu, gozando a flor da juventude...

Um dia aquele amigo ficou doente, inconsciente por muito tempo, com suores mortais. Sem esperanças de cura foi batizado sem que soubesse.

Eu não dei nenhuma importância a isso, presumindo que sua alma reteria com mais firmeza o que eu lhe havia ensinado sobre o que lhe fora feito no corpo inconsciente.

Porém, deu-se o contrário, pois ele melhorou e recobrou o ânimo. De imediato, quando pude falar-lhe, tentei zombar dele pelo batismo que havia recebido. Ao ouvir-me, enfureceu-se como alguém diante de um inimigo, e com notável e repentina liberdade, notificou-me de que se quisesse ser seu amigo, devia abster-me de dizer-lhe tais coisas. - (Conf. 4, 4, 8)

Seu amigo, ainda que melhor e curado daquelas febres, pouco depois, voltou a sentir-se enfermo: *“Poucos dias depois, estando eu ausente, a febre voltou e ele morreu”.*

A tristeza que a morte de seu amigo provocou em seu coração foi terrível, como podemos apreciar nas palavras com as quais o próprio Agostinho nos descreve seus sentimentos pessoais mais secretos:

“Com que dor ficou meu coração enlutado! Tudo quanto eu olhava era morte, e minha pátria era meu suplício, e a casa de meus pais, uma infinita desolação.

Tudo o que eu tinha em comum com meu amigo, tornou-se, sem ele, um terrível sofrimento. Meus olhos o buscavam por toda parte e não podiam encontrá-lo....

Eu me havia convertido num grande problema para mim mesmo. E me perguntava: “Por que estás triste, minha alma? Por que esta profunda tribulação?” E eu não sabia o que responder às minhas perguntas”.- (Conf. 4, 4, 9)

Pouco depois da morte de seu amigo, Agostinho decide abandonar Tagaste sem dizer nada a ninguém. Somente comunica seus planos a seu amigo Romano. Assim, fecha a sua escola de Tagaste e regressa a Cartago, buscando melhorar de situação e, em parte, também para esquecer a morte de seu amigo.

Contudo, não encontra em Cartago o que busca. Os alunos de sua escola são muito indisciplinados, em classe e fora dela. Agostinho, como assinala ele mesmo, não abandona Cartago *“em busca de maiores ambições e honra”*, senão enfastiado com o comportamento de seus habitantes.

Ouvira que os jovens de Roma dedicavam-se ao estudo com mais tranqüilidade, tendo seus ímpetos moderados por uma disciplina mais rígida. Não invadiam a sala de aula de um mestre, do qual não eram alunos, causando tumultos ou desordens.

A diferença entre os estudantes de Cartago e os de Roma, ao menos no que se dizia deles, era imensa. Em Cartago, *“são desinibidos; precipitam-se cinicamente salas à dentro, em atitude furiosa, perturbando a ordem que o professor procura estabelecer entre os alunos”*.

Além do mais, Roma era mais importante que Cartago e ali, seria mais fácil conseguir uma boa situação econômica e social. E além de tudo isso, em Roma, ia encontrar-se com seu melhor amigo, Alípio, que havia iniciado seus estudos de direito na capital do Império.

CAPÍTULO 5 RUMO À ITÁLIA: ROMA E MILÃO

Um belo dia, sem dizer nada a ninguém, e tentando a todo custo que sua mãe não suspeitasse de nada da viagem, Agostinho embarca para a Itália, onde ia encontrar a solução para os seus problemas intelectuais e achar uma resposta satisfatória às suas dúvidas religiosas.

Deus ia livrá-lo das águas do mar, em travessias sempre difíceis e perigosas, para conduzi-lo às águas regeneradoras do batismo.

Estadia em Roma

Os primeiros dias de sua estadia em Roma não foram muito agradáveis, pois, de imediato, caiu enfermo.

“Uma vez chegado à Roma, fui visitado pelo açoitado de uma doença corporal... E agravando-se as febres, eu já me encaminhava para o inferno e perecia... E nem sequer naquele perigo tão grande desejava ter o batismo. Eu era melhor quando menino, quando o pedi pelo amor de minha mãe. Cresci, e para minha desonra, era tão louco, que desprezava os conselhos de tua medicina. Mas, não permitiste que naquela condição de pecado eu morresse duas vezes. - (Conf. 5, 9, 16)

Agostinho segue freqüentando a amizade dos maniqueus, mas, pouco a pouco, vai se desencantando deles, voltando-se para os filósofos que ensinam que a sabedoria é difícil de encontrar.

O sábio é o homem que busca sem cessar a verdade, mas que a encontra com dificuldades. Por isso, o jovem professor não está seguro de nada e sua inquietude ante os graves problemas da vida não encontra sossego em nenhuma escola.

Por outro lado, os estudantes de Roma, embora sigam corretamente e com maior atenção que os de Cartago as lições do mestre, abandonam a classe para não ter que pagar os estudos estipulados ao final do mês. E Agostinho tem que alimentar sua família e necessita ganhar o pão de cada dia.

Como em outras ocasiões, o jovem professor não perde a oportunidade para deixar retratados seus sentimentos ante a atitude desses estudantes romanos.

“De coração, eu os odiava, mas não de ódio perfeito, pois era talvez provocado mais pelo prejuízo que me causavam do que pela injustiça que eles mesmos cometiam. Injustos são, sem dúvida, os que assim agem, amando algumas mentiras e enganos passageiros e se distanciando de ti, Deus meu”- (Conf. 5, 12, 22)

De Roma a Milão

Um dia, intera-se de que em Milão estão buscando um mestre e professor de retórica. Estão enviando cartas ao Prefeito de Roma, Símaco, para que ele anuncie oficialmente e convoque publicamente o concurso.

Um amigo o apresenta ao Prefeito de Roma. Trata-se de um pagão, talvez um maniqueo, que não ama aos cristãos e detesta Ambrósio, o bispo católico de Milão. Sua candidatura é aceita por Símaco, e, após um exame satisfatório, no qual o jovem professor de Cartago mostra de sobra, seu preparo e suas qualidades, Agostinho obtém a cátedra de Milão.

E o africano de Tagaste converte-se num alto funcionário, respeitável e invejado por muitos, por conta de sua situação, com um futuro econômico assegurado e com amplas possibilidades de uma notável carreira no fôro, nos tribunais e na administração.

Agostinho está com 30 anos, que é a idade em que amadurecem as mais profundas crises intelectuais. Acompanhado de seu filho Adeodato e da mãe deste, Agostinho, após uns poucos meses de estadia em Roma, marcha para Milão.

Pouco depois, chega também Mônica, com o irmão de Agostinho e os filhos deste. Os amigos de Cartago reúnem-se em torno de seu mestre: Alípio, que ocupava um cargo oficial na corte do Imperador; Nebridio e Romaniano, que, com freqüência, vem a Milão para ajustar seus negócios.

Quando Agostinho chegou a Milão já não acreditava na seita dos maniqueus, embora também não estivesse próximo do cristianismo. As críticas dos maniqueus contra a Bíblia pareciam-lhe irrefutáveis. Não tentara ler a Bíblia a alguns anos e nada compreendera? Na realidade, havia muitas coisas na Escritura que o escandalizavam. Além do mais, sua leitura parecia-lhe sem interesse.

A figura de Ambrósio

A partir de sua chegada à Milão, o jovem professor vai cumprimentar Ambrósio, o bispo da cidade. Talvez possamos ver nessas primeiras visitas simplesmente um mero ato social. Ou, quem sabe, a figura de Ambrósio representasse um interesse e atrativo especial, pois se tratava de um personagem célebre e famoso.

Filho de um alto funcionário da corte, rapidamente fôra nomeado governador de Milão. Um dia, intervindo para restabelecer a ordem pública na cidade, os fiéis, vendo a atitude de governador e apreciando seus dotes de prudência, exclamam uníssonos: *"Ambrósio, bispo! Ambrósio, bispo!"*.

Ambrósio, nesse momento, era um simples catecúmeno. É batizado imediatamente e, uma semana depois, o antigo governador é consagrado bispo de Milão.

Ambrósio fizera uma carreira brilhante nos estudos de retórica e direito, de filosofia e história. E, além do mais, possuía o dom da palavra.

Agostinho já havia perdido a esperança de encontrar a verdade na Igreja católica, mas, apesar de tudo, achava aquele bispo excepcional. A extrema bondade que transpirava à sua volta, o atraía e sempre que o bispo pregava, ali estava Agostinho.

Não que pensasse em sua conversão, mas porque se sentia subjugado pela personalidade do bispo. Além do mais, queria comprovar por si mesmo se sua eloqüência era tão extraordinária como se dizia por toda parte.

Agostinho frente a Ambrósio

Agostinho sentia uma viva curiosidade pela pessoa de Ambrósio, e como observa curioso e aficionado a pregação do bispo de Milão, começa a amá-lo. Contudo, a personalidade de Ambrósio parece não se deixar influenciar, de imediato, por aquele jovem professor de retórica, que, conforme ouvira falar, fora enviado por Símaco a Milão para espionar o bispo, apresentando-se como um difícil rival nas questões do estado.

O jovem professor sabe apreciar as palavras do bispo, ainda que não se sinta participe de suas idéias.

“Eu estava bastante atento às suas palavras, admite Agostinho, mas não sentia curiosidade pelo que dizia; ao contrário, desprezava. Deleitava-me a suavidade de seu discurso. Certamente, era mais douto que o maniqueu Fausto; porém, tinha menos graça e me agradava muito pouco sua maneira de falar”.

Pouco a pouco, Agostinho vai interessando-se pela pregação de Ambrósio, não somente pela beleza de seu estilo, mas também cativado pelo dom de sua doutrina.

As palavras do bispo vão revelando-lhe o sentido das Escrituras — bem diverso da interpretação dos maniqueus. Agostinho terá o cuidado de registrar os detalhes das primeiras visitas que fez ao bispo de Milão.

Desengano de Fausto

Da comparação entre Fausto, o maniqueu, e Ambrósio, o bispo católico, Agostinho chega à conclusão de que *“Fausto perdia-se nas mentiras dos maniqueus, enquanto que Ambrósio ensinava a salutar doutrina da salvação. Mas a salvação está longe dos pecadores, como era eu, então. E, no entanto, aproximava-me dela, dia após dia, ainda que não me desse conta”*, confessa Agostinho.

Pouco a pouco, o professor de Milão vai sentindo vergonha de haver acreditado nas mentiras e fábulas dos maniqueus, no que se referia à fé dos cristãos. Seu coração ia encontrando, sem que percebesse, a alegria de viver, juntamente com a certeza de poder chegar à verdade.

Trata de marcar uma entrevista pessoal com Ambrósio, mas este está sempre muito ocupado, e Agostinho não se atreve a tomar o tempo precioso que o bispo tem para dedicar à administração e ensino de seus fiéis.

Encontro com Simpliciano

Um belo dia, diante da impossibilidade de obter uma entrevista com Ambrósio, tal como ele desejava e necessitava, ocorreu-lhe a idéia de buscar a Simpliciano, bom servo de Deus em quem resplandecia a graça divina.

Este bom ancião o acolhe com bondade, e ambos entretém-se em longas e saborosas conversas. Simpliciano fala-lhe de Victorino, um sábio pagão, que, em seus livros, havia atacado com violência as palavras de Jesus. Mas, depois de alguns combates espirituais, Victorino sentiu o toque de Deus e se converteu em discípulo de Cristo.

“Este glorioso ancião — Mario Victorino — não teve vergonha de se fazer discípulo de teu Cristo, de se fazer criança em tua fonte batismal. Ele dobrou o seu pescoço ao jugo da humildade e abateu sua frente ao opróbrio da cruz.

Quando estava persuadido pelos artigos elementares da catequese, quis inscrever seu nome para regeneração batismal. Roma admirou-se e se alegrou a Igreja.

E quando Victorino levantou-se na presença de todo povo para pronunciar a fórmula da profissão de fé, os assistentes que o conheciam, repetiram-se, ruidosamente, uns aos outros, o seu nome, com murmúrios de regozijo.

E prorrompeu uma aclamação surda na boca dos que não podiam sufocar sua alegria:

“Victorino! Victorino!”. A aclamação surda tornou-se ovação clara pela alegria de vê-lo, e, tornou-se silêncio pelo desejo de ouvi-lo. Proclamou ele sua fé verdadeira, com admirável segurança e domínio de si mesmo.

Queriam todos levá-lo para dentro do coração, e, de fato, o fizeram. O amor e a alegria foram as mãos com que o arrebataram”. - (Conf. 8, 2, 5)

Pouco a pouco, sem se dar conta, Agostinho estava aproximando-se da verdade, que com tanto afincado vinha buscando. O encontro e o abraço da verdade exigiam, apesar de tudo, uma dura e custosa batalha que o jovem professor de Milão vai decidir, assistido pela graça de Deus e ajudado pelo exemplo dos santos.

CAPÍTULO 6 EM DIREÇÃO À NOVA VIDA

Deus se vale de todos os meios possíveis para realizar seus planos salvíficos em favor dos homens. Desta vez, será a visita que recebe Agostinho, acompanhado de Alípio, de um certo Ponticiano.

Visita de Ponticiano

Agostinho descreve-nos, com toda riqueza de detalhes, este fato, que parece sem maiores conseqüências nem transcendência.

“Um dia, veio visitar-nos em nossa casa, a mim e a Alípio, um certo Ponticiano, africano e, portanto, compatriota nosso, que ocupava na corte um alto cargo. Não sei o que desejava de nós. Nos sentamos para conversar. Por um acaso, em cima da mesa de jogos, que estava diante de nós, viu um livro”.
- (Conf. 8, 6, 14)

Agostinho manifestou-lhe seu interesse por aqueles livros sagrados, que lia com a máxima atenção.

A conversa chegou logo, por iniciativa de Ponticiano, num tal de Antônio, monge do Egito, cujo nome resplandecia brilhantemente entre os servos de Deus, embora para Alípio e Agostinho fosse desconhecido até então. Ponticiano contou-lhes as maravilhas e prodígios daquele varão, fundador dos monges do Egito.

Os militares de Tréveris

Logo, passando de uma coisa à outra, como acontece nas conversas, Ponticiano contou a Alípio e Agostinho um caso que havia sucedido a ele próprio, quando, em certa ocasião, encontrava-se em Tréveris.

Com outros três militares saiu para dar um passeio pelos jardins contíguos às muralhas da cidade. Dois dos companheiros afastaram-se dos outros dois e, sem saber como, entraram num casebre, onde vivia um servo de Deus. Ali, os dois amigos encontraram um livro que narrava a vida de Antônio.

Começaram a ler a tal vida e ficaram admirados ante as maravilhas que Deus havia realizado naquele santo homem.

Após um tempo de reflexão, ante a realidade de sua carreira militar e as recompensas que Deus prometia aos que o seguissem, eles tomaram a decisão de ficar naquela pobre cabana. Os dois estavam já comprometidos em matrimônio. E quando suas noivas ouviram isso de seus prometidos, consagraram-se também elas a Deus a sua virgindade.

Os incultos arrebatam o céu

Agostinho sentiu-se profundamente impressionado com o relato daqueles dois companheiros de seu amigo e compatriota Ponticiano, que quando este saiu, lançou-se sobre seu companheiro Alípio e exclamou:

*“O que é que nos aflige tanto?
Que significa o que ouvimos da boca de Ponticiano?
Levantam-se os incultos e arrebatam o céu, enquanto nós, com toda a nossa ciência e sem coração, nos revolvemos na carne e no sangue. Porventura, por que eles vão à frente, temos vergonha de segui-los e não nos envergonhamos de deixar de segui-los?”* - (Conf. 8, 8, 19)

Agostinho estava a travar a batalha decisiva na qual a graça de Deus ia sair vitoriosa. Os sermões de Ambrósio, os relatos de Simpliciano, o exemplo de seu amigo Ponticiano iam calando profundamente no coração de Agostinho.

Apesar de tudo, a conversa e a mudança profunda e total exigia uma decisão firme, que Agostinho não era capaz de tomar naquele momento. Daí, suas dúvidas, seus momentos de vacilos e indecisão. Sentia-se preso pelo peso e pela força de sua vida passada.

“Me retinham as bagatelas das bagatelas e as vaidades das vaidades, antigas amigas, que me solicitavam a natureza carnal, e me diziam em voz baixa: É certo que nos deixes? De agora em diante, nunca mais estaremos contigo. De agora em diante, não poderás mais fazer isso ou aquilo”...

Eu as ouvia como que distantes, a meia voz, mas já não ousavam contradizer-me cara a cara, com brio e liberdade, saindo me ao encontro, senão que sussurrando pelas costas, puxando-me furtivamente para que voltasse a olhá-las nos olhos. Retardavam-me, não obstante, em minha indecisão de arrancar-me e libertar-me delas, a fim de correr para onde me sentia chamado.(Conf. 8, 11, 26)

São os momentos prévios da grande decisão de Agostinho.

O último combate

De um lado, a presença dos costumes e hábitos de sua vida passada; de outro, o convite da continência, *“serena e sem desordem, banhando-me a tez com um sorriso honesto que me convidava com brandura e afago para que me aproximasse dela sem receio, estendendo-me suas mãos amigáveis, plenas de múltiplos e bons exemplos para acolher-me e abraçar-me”*.

É a força dos bons exemplos dos amigos o fator determinante, por vezes, decisivo, em muitos momentos cruciais da vida.

“E a virtude ria-se de mim, ao mesmo tempo, me animava, com doçura, em meu interior, a seguir os bons exemplos: não poderás tu fazer o mesmo que fizeram tantos outros irmãos teus nas lutas com as mesmas dificuldades que tu?”

E, ante aquelas vozes da virtude, eu sentia vergonha por não me decidir a dar o passo decisivo”(Conf. 8, 11, 27)

Agostinho, pressentindo o violento pranto, levantou-se e se afastou de onde estava Alípio. Sem saber como, deixou-se cair debaixo de uma figueira e começou a chorar profundamente. E de sua boca escaparam estas palavras, que descrevem perfeitamente o estado de sua alma antes da conversão:

“E tu, Senhor, até quando? Até quando vais estar enojado? Não te recordas de minhas antigas iniquidades.

Quanto tempo, quanto tempo?

Amanhã, e sempre amanhã. Por que não agora? Por que não terminar agora mesmo com todas as minhas faltas?

Assim falava eu, e chorava amargamente, com o coração partido de dor. É bem aqui que ouço uma voz da casa vizinha, voz de menino ou de menina, não sei, que dizia e repetia muitas vezes, com a cadência de um canto: “Toma e lê! Toma e lê!”. - (Conf. 8, 12, 28 -29)

Vitória de Deus

Transtornado por essas palavras, Agostinho trata de comprovar se essa frase formava parte de alguma canção infantil que ele pudesse conhecer. Mas não recorda ter ouvido jamais cantiga parecida.

E se convenceu de que naquela voz encerrava-se um convite amoroso de Deus. Imediatamente, cessa o pranto, levanta-se e volta à casa.

Ali, encontra o volume das Cartas de São Paulo. Abre o livro, e as primeiras frases que saltam ao seus olhos são estas:

“Nada de comilanças nem de embriaguez, nada de leviandades, nem contendadas nem excessos, mas sim, revesti-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo e não cuideis da carne com demasiados desejos”(Rm 13, 13)

Agostinho não quis ler mais. Aquelas palavras de São Paulo foram as que, de uma vez por todas, *“como se uma grande luz de certeza se infundisse em seu coração, fizeram que desaparecessem para sempre todas as trevas das dúvidas”*.

Imediatamente vai contar tudo a seu amigo Alípio, e os dois correm pressurosos para contar a Mônica o que havia acontecido.

“E a mãe exulta de alegria, triunfa e te bendiz, Senhor, a ti que és poderoso para dar-nos mais do que pedimos ou entendemos, porque via que havias concedido a mim mais do que ela te podia suplicar com lágrimas e gemidos lastimosos” - (Conf. 8, 12, 30)

Oração do convertido

Anos mais tarde, quando o convertido compõe o livro de suas *Confissões*, da pena de Agostinho brota esta belíssima oração — a pregação alegre e reconhecida do convertido.

*“Tarde te amei, formosura tão antiga e tão nova, tarde te amei!
Eis que estavas dentro de mim, e eu estava fora de mim mesmo. E te procurava do lado de fora.
Eu, pobre homem, com a insolência de minha fealdade, lançava-me às formosuras que tu havias criado.
Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo.
Mantinha-me distante de ti todas aquelas coisas, que não existiriam, se tu não existisses.
Mas, tu me chamaste, e teu grito abriu-me a surdez dos ouvidos.
Tu brilhaste, e tua luz resplandeceu, e me afugentaste a cegueira dos olhos.
Derramaste teu perfume. O inalei ao respirar e suspirei por ti.
Eu saboreei tua doçura e agora tenho fome e sede.
Tu me tocaste e tua paz incendiou-me”.- (Conf. 10, 27, 38)*

Trata-se da descrição detalhada, ainda que sempre imperfeita, de um estado místico em que Deus se comunica com a alma de Agostinho, que encontrara o sossego, a verdade e a paz no abraço final e total de Deus.

CAPÍTULO 7 MUDANÇA DE PROFISSÃO

Estamos no ano 386, e Agostinho completa 32 anos. Acaba de viver o dia mais importante de sua vida, após aquelas palavras do jardim de Milão. Nunca havia desfrutado de uma boa saúde, nem mesmo quando jovem. Ao terminar o curso, assalta-lhe uma espécie de gripe com graves perturbações no peito e na garganta.

Essa enfermidade e a impressão sobrenatural que sentira uns meses antes o motivam a apresentar sua demissão como professor.

Agostinho e Ambrósio

Seguramente, Agostinho vai aconselhar-se com Ambrósio e lhe expõe o estado de sua alma. Antes de sua conversão, Agostinho havia pensado em fundar uma espécie de fraternidade de vida em comum com alguns dos seus amigos e discípulos, desejosos, como ele, de aprofundar as questões fundamentais da filosofia. Deviam estudar e refletir juntos, e, além do mais, pôr em comum os fundos e bens materiais que possuíam para disposição de todos. O projeto de Agostinho era bem claro, mas existiam graves dificuldades para pô-lo em prática.

Uma vez convertido, Agostinho leva a cabo aquela idéia, na companhia de alguns de seus fiéis companheiros de estudo e partícipes de suas mesmas preocupações espirituais.

Em Casiciaco

Seu amigo Verecundo, professor de gramática, viu-se profundamente impressionado com a conversão de Agostinho. Participa também da idéia daquela comunidade com a qual havia sonhado seu amigo. Empréstalo uma propriedade que possui a uns 30 quilômetros de Milão, em Casiciaco. Na mudança, pede-lhe que se empenhe e administre os trabalhadores que cuidam do campo.

Ali, Agostinho vai passar algum tempo com seus amigos mais íntimos. Ali, vai viver com sua mãe, Mônica, seu filho Adeodato, seu irmão Navigio, e dois primos seus, vindos da África. Não podia faltar o amigo da alma, Alípio, que também deseja receber o batismo. Mônica é a que se ocupa daquela família, que faz as comidas e administra a casa.

É o tempo das férias, mas, ali, em Casiciaco, todos trabalham. Pela manhã, Agostinho dá aulas de gramática e retórica a Licencio, filho de Romaniano, e a um antigo aluno de Milão. Depois de comer, discutem sobre as principais questões de religião e filosofia.

E como em toda reunião de intelectuais, bem organizada, não falta quem tome nota de todo processo discursivo.

Filosofia e oração

Mas, em meio àquelas discussões filosóficas, Agostinho e seus amigos encontram sempre um tempo para a oração, servindo-se dos salmos de Davi:

“Que gritos, Deus meu, dirigia a ti, ao ler os salmos de Davi, cânticos fiéis, cheios de piedade, que exclui o espírito soberbo, quando eu apenas iniciava no caminho do vosso amor!

Que vozes dirigia a ti, naqueles salmos, e como eles me inflamavam, desejando ardentemente recitá-los, se possível fosse, a todo mundo!

Tu és, Senhor, o mesmo porque não mudas, e em ti se acha o descanso que faz esquecer toda fadiga. Tu somente, Senhor, me fazes descansar com segurança.

No mais profundo do meu ser, eu sentia a eficácia de teu amor, e alegre na fé, louvava o teu nome. Mas essa mesma fé não me permitia segurança alguma quanto aos meus pecados passados, ainda não perdoados por vosso batismo. - (Conf. 9, 4, 8 e 12)

Em todo esse período de reflexão e vida em comum, em que se mesclam as discussões filosóficas e religiosas com os momentos de oração e pregação, constitui uma etapa muito importante na evolução intelectual de Santo Agostinho.

O antigo professor de retórica e leitor infatigável das obras dos filósofos antigos vai tomando gosto por aquela outra literatura, que, noutros tempos, parecia-lhe depreciável, por causa de seu estilo mais descuidado e simples que o dos grandes escritores pagãos.

A filosofia antiga vai lhe abrindo espaço para estabelecer as bases da filosofia cristã.

batismo

Passados 6 ou 7 meses no retiro de Casiciaco, um pouco antes da quaresma do ano 387, Alípio, Agostinho e Adeodato dirigem-se a Milão para serem escritos entre os catecúmenos que vão receber o batismo. Em 25 de abril, na vigília pascal, os três recebem o batismo das mãos do bispo Ambrósio.

Agostinho descreve, numa breve frase, os efeitos do batismo:

“Recebemos o batismo, e fugiu de nós toda ansiedade da vida passada”(Conf. 9, 6, 14)

Agostinho não deixa por menos o fazer-nos partícipes do sentimento de sua alma:

“Naqueles dias de meu batismo, não me fartava da admirável doçura de considerar a alteza de tua providência sobre a saúde do gênero humano.

Quanto chorei ao escutar os hinos e cânticos de teus fiéis, emocionados pelas vozes de tua Igreja que canta com entoada doçura!

Aquelas vozes entravam em meus ouvidos, e tua verdade se derretia em meu coração. Com isso, se inflamava em mim a piedade, enquanto corriam-me as lágrimas. E aquelas lágrimas eram-me como mel” - (Conf. 9, 6, 14)

Pouco tempo depois do batismo, quase no começo de agosto, Agostinho pensa em regressar à sua África natal. Não sabemos os motivos fundamentais desta decisão.

Distantes de Milão

Quem sabe, desejava distanciar-se o máximo possível de Milão, onde conhecera os maiores triunfos de sua vida. Talvez tentasse romper com todo o seu passado e implantar em sua pátria africana o gênero de vida monástica que havia conhecido, graças à narração de Simpliciano e Ponticiano.

O fato é que abandona Milão, na companhia de seus fiéis amigos e de sua mãe, dirigindo-se ao porto de Óstia, próximo de Roma. Dali, partirá o barco que o conduzirá a Cartago.

À espera do barco

Mas os barcos devem esperar que o tempo favorável permita-lhes uma travessia tranqüila e sem perigos. Assim, Agostinho e sua mãe têm que aguardar em Óstia.

Numa tarde, a mãe e o filho contemplam o céu do entardecer de uma janela do jardim interior da casa onde se hospedam. Os dois sentem-se embriagados de uma paz especial, própria das almas amigas de Deus.

Extase de Óstia

À luz dessa verdade sobrenatural, Agostinho e sua mãe chegam a compreender que “o deleite dos sentidos corporais, por maior que seja e mais brilhante essa luz temporal que os irradia”, não é nada em comparação com a extraordinária alegria que procede do conhecimento do amor de Deus.

“Conversamos só os dois, com grande doçura recíproca.

Esquecendo o passado, projetados para o futuro, buscávamos juntos, à luz da verdade presente que és tu, qual seria a vida eterna dos santos, que nenhum olho viu, nenhum ouvido ouviu, nem soube o coração do homem. Abríamos a boca do coração, desejosa e sedenta à corrente impetuosa de teu manancial, fonte de vida, que está em ti”. (Conf. 9, 10, 23).

Em meio àquelas reflexões do espírito, mãe e filho foram subindo alto.

“E chegamos àquela região da inesgotável abundância, onde sempre apascentas teu povo com o alimento da verdade.

Ali, a vida é a sabedoria fazedora de todas essas coisas, das que foram e das que ainda serão.

E enquanto íamos falando da sabedoria eterna, ávidos e desejosos, chagamos a tocá-la num supremo ímpeto do nosso coração”. - (Conf. 9, 10, 24)

Últimos conselhos

Depois de alguns momentos de intensa comunhão entre as duas almas, ante o pensamento da verdade e da sabedoria eternas, Mônica confessou a seu filho:

“Ao que me toca, nenhuma coisa mais me agrada neste mundo. Não sei o que ainda estou fazendo aqui. Já se acabou toda a esperança terrena.

Uma só coisa eu havia desejado, e era o que detinha-me aqui: ver-te católico, antes de minha morte.

Deus já coroou meu desejo, pois te vejo agora, servo seu, com absoluto desdém da felicidade terrena.

O que é que ainda estou fazendo aqui?”- (Conf. 9, 10, 26)

Passados apenas cinco dias, Mônica caiu de cama com febres altíssimas. Um dia, sofreu um desmaio, ficando por muito pouco privada dos sentidos.

Reposta, e “*vendo-nos atônitos de tristeza, disse-nos*”: “*Enterrai aqui a vossa mãe*”.

O irmão de Agostinho, ao ouvir aquelas palavras de sua mãe, disse umas palavras nas quais parecia indicar seu desejo de enterrar sua mãe na pátria africana e não em terras tão distantes.

Quando Mônica ouviu ou captou a intenção do seu filho, repreendeu-lhe com um olhar, e olhando com olhos tristes a seus filhos, disse-lhes:

“Enterrai este corpo em qualquer parte e não vos ocupeis mais dele.

Somente lhes peço que recordeis de mim diante do altar do Senhor, onde quer que estejais”- (Conf. 9, 11, 27)

Morte de Mônica

Pouco depois, agravando-se sua enfermidade, nove dias após estar de cama, com 56 anos de idade, quando Agostinho contava 33, Mônica foi liberta do corpo e sua alma religiosa e piedosa, como descreve santo Agostinho, subiu para gozar da presença de Deus, a quem havia sempre servido nesta terra.

E Agostinho termina a primeira parte de suas *Confissões* com uma recordação emocionada de sua mãe. Em suas palavras é latente o amor filial mais puro, e, ao mesmo tempo, podemos descobrir a sensibilidade espiritual do grande místico do Ocidente.

Eis aqui algumas das frases deste final:

“Descansa, pois, em paz com seu marido, antes do qual e depois do qual não se casou com nenhum outro homem: com seu marido, a quem serviu, oferecendo-te a ti o fruto de sua paciência para ganhá-lo para ti.

Inspira-me, Senhor meu e Deus meu, inspira a teus servos, irmãos meus, filhos teus, senhores meus, aos quais eu sirvo com o coração, com a voz, e com a pena.

Inspira a todos os que lerem isto, para que se recordem em teu altar de Mônica, serva tua, e de Patrício, que foi seu esposo, por cuja carne introduziste-me nesta vida não sei como.

Recordem-se com afeto de piedade de meus pais, nesta vida transitória, e de meus irmãos, cujo pai és na Católica Mãe Igreja.

Recordem-se de meus concidadãos na eterna Jerusalém, pela qual suspira todo povo em sua peregrinação, desde sua partida até seu regresso, para que aquela última súplica sua, pelas orações de muitos, veja-se satisfeita, mais copiosamente, do que pela indigência de minhas orações e pela humildade de minhas confissões” - (Conf. 9, 13, 37)

CAPÍTULO 8 REGRESSO À PÁTRIA

Não sabemos com certeza até que ponto a morte de Mônica modifica os planos de Agostinho. Em vez de embarcar para sua África natal, Agostinho dirige-se novamente à Roma, onde vai passar quase um ano.

Talvez a chegada do inverno o tenha feito temer a travessia. Quem sabe, por razões políticas, o porto de Óstia estivesse paralisado por completo durante algum tempo, o que obrigara o jovem batizado a deter-se em Roma. Com efeito, um general africano havia se rebelado contra Roma e impedido todo tráfego marítimo entre Óstia e Cartago.

De novo, Roma

O fato é que Agostinho e seus amigos encontram-se novamente em Roma, e o neo-converso vai tratar de converter à verdadeira fé os que antes havia desviado do bom caminho para o maniqueísmo.

Em Roma, Agostinho recolhe materiais para seus livros. Visita os mosteiros da cidade. Estuda a organização interna dos mesmos, objetivando o monastério ideal que ele pensa implantar em sua pátria.

A seita dos maniqueus, que ele havia seguido anos atrás, parece-lhe, agora, um perigo envolvente, e, por conta disso, escreve suas primeiras obras polêmicas: *Os costumes da Igreja Católica* e *Os costumes dos maniqueus*.

Ainda que, mais tarde, acrescente, corrija e suprima detalhes dessas duas obras, é em Roma que se inspira para descobrir em toda sua realidade a seita dos maniqueus.

Por fim, nos últimos meses do ano 388, Agostinho pode embarcar para sua pátria. Dessa vez, o adeus será definitivo e nunca mais regressará à Itália.

Nem Roma nem Milão, onde se passaram alguns anos tão fecundos e decisivos para sua vida, não somente humana, mas também espiritual, voltarão a ver aquele professor de retórica, o grande convertido de Milão.

Apesar da fama que, de imediato, terá, o jovem bispo de Hipona não abandonará jamais sua África natal, ainda que de todas as partes venham escutar seus conselhos.

Cartago à vista

Aos 35 anos, e após cinco de ausência da Itália, Agostinho volta a contemplar o porto de Cartago, onde Mônica tanto havia chorado pela conversão de seu filho. Ali, desembarca, acompanhado de seus fiéis companheiros: Alípio, Navigio e Adeodato.

Como Agostinho possui alguns bens em Tagaste, que lhe deixou sua mãe, lá se instala com seu filho e seus discípulos. E ali vai fundar uma espécie de mosteiro para seculares, como são ele e seus companheiros. Viverão uma vida comum, com seus momentos de oração e meditação, todos juntos. Ao mesmo tempo, ele poderá dedicar-se ao estudo e tratará de ensinar a quantos ali chegarem.

Podemos imaginar que a vida daquele primeiro “mosteiro secular” não era excessivamente rigorosa. Agostinho, além da direção espiritual do grupo, dedica-se ao estudo da Escritura e à correção das obras que havia iniciado em Milão e Roma. Assim, sabemos que em Tagaste termina, por exemplo, os seis livros *Sobre a música*.

Alem do mais, em razão da fama de convertido de Milão, procuram Agostinho todos os seus concidadãos que têm algumas dificuldades de qualquer ordem que seja. Sabem que segue sendo, apesar de sua conversão, um homem influente, relacionado com as altas esferas da administração civil e da Igreja Católica.

Agostinho, naquele “mosteiro” de Tagaste converte-se em padre, em irmão, em amigo paciente e desinteressado de tudo. Não esquece os amigos que vivem distantes, e a todos dirige suas epístolas: Nebridio, Romaniano, Paulino de Nola, entre outros.

Morre Adeodato

Durante o tempo em que vive em Tagaste, morre o seu filho, Adeodato, aos 18 ou 20 anos. Aquele jovem de extraordinária inteligência, que até apareceu entre os interlocutores dos diálogos de Casiciaco, e com ele dialoga na obra intitulada “*O Mestre*”, deixa, por isso tudo, uma recordação muito viva no coração de seu pai, Agostinho.

Adeodato seguirá sempre junto a seu pai, que sentia um carinho muito especial por aquele filho, “*nascido do pecado*”, como reconhece humildemente nas Confissões.

Era um jovem muito dócil e bom, e superava a muitas pessoas mais velhas, apesar de seus poucos anos. Agostinho, como sempre, não duvidará, nem por um momento, em reconhecer que todas aquelas qualidades boas de seu filho eram um dom e um presente de Deus, inclusive, a mesma instrução e boa educação que seu pai tratava de lhe dar sempre.

Quando fala Adeodato na obra intitulada “*O Mestre*” — diálogo entre Agostinho e seu filho — o pai fica admirado da agudeza e do gênio daquele juvenzinho de 16 anos. Inclusive, lhe dá até medo ver seu talento extraordinário, e Agostinho teme o que poderia ser Adeodato quando chegasse à maturidade da idade e dos estudos.

Porém, todos aqueles planos de Agostinho, sonhados e, ao mesmo tempo, temidos ante o futuro, foram-se abaixo com o tenro desaparecimento de Adeodato.

Quando, anos mais tarde, escreve suas *“Confissões”* e recorda os principais fatos de sua juventude, não exclui a recordação carinhosa de seu filho.

Chegada à Hipona

Depois, de dois anos em Tagaste, num belo dia, Agostinho recebe um chamado de um amigo da cidade de Hipona, hoje Annaba – Bona, antes da independência da Argélia.

Hipona é uma cidade que parece contar com trinta mil habitantes. É uma antiga cidade fenícia, que os romanos converteram em colônia romana. Os camponeses dessa cidade não conhecem senão a língua púnica, embora nela se fale o latim, como nas demais cidades romanas do resto da África.

A vinda de Agostinho à Hipona coincide com um momento especial na história interna daquela sede episcopal.

O ancião e bispo Valério, já não pode administrar como quer aquela diocese, nem os fiéis sentem-se satisfeitos. É que Valério desconhece por completo o púnico, e o que é mais grave, fala com dificuldade a língua latina; e se parece pouca essa dificuldade de expressão, suas forças vão diminuindo notavelmente.

Era preciso encontrar um sacerdote jovem que pudesse ajudar ao bispo ancião. É que, além do mais, na diocese de Hipona não há muitos sacerdotes.

Em certa ocasião, quando o bispo, em sua sede, queixava-se dessa falta de sacerdotes, estando ali presente Agostinho, a multidão precipitou-se sobre ele e o conduziu diante do bispo, gritando: *“Queremos Agostinho como sacerdote. Agostinho, sacerdote!”*.

Agostinho, sacerdote

E Valério, agradecendo a Deus esta eleição de Agostinho, ordenou-lhe sacerdote e o associou como valioso colaborador nos assuntos da diocese. Agostinho aceitou a vontade do povo como um sinal da vontade de Deus, ainda que se sentisse incapaz de cumprir dignamente com seu ministério. Por isso, pediu ao bispo que lhe concedesse algum tempo para preparar-se um pouco para o novo ministério.

Mosteiro de Hipona

Mas, estando ainda em Hipona, Agostinho seguia pensando em sua idéia de fundar um mosteiro. Assim, estabeleceu ali uma nova comunidade e começou a viver com Evodio, Severo, Posidio e outros a vida retirada e em comum que havia iniciado em Tagaste.

A prudência de Agostinho sentia-se em todos os detalhes, e assim, para recordar continuamente àqueles “monges” o preceito da caridade e o espírito de compreensão para com os irmãos, fez gravar nas paredes do refeitório alguns versos latinos, que, traduzidos à nossa língua, diziam:

*“O que gosta de caluniar os ausentes
é indigno de sentar-se à nossa mesa”.*

Conta-nos Posidio, companheiro e biógrafo do santo, que, como alguns dos seus colegas e amigos no episcopado tivessem esquecido aqueles versos, os repreendeu com severidade, e cheio de um caritativo rigor, disse-lhes: *“Ou se apagam esses versos da parede, ou eu devo ausentar-me desta casa”*.

Agostinho exercia em Hipona o cargo de presbítero e superior daquele mosteiro que havia fundado. Era o apóstolo da cidade e, ao mesmo tempo, o pregador incansável da Palavra de Deus contra os inimigos da Igreja: Donatistas, Maniqueus.

Agostinho, bispo

Valério sente-se satisfeito com seu presbítero, homem tão eloqüente e admirado por todos os fiéis. Dada sua avançada idade, pensa que o jovem sacerdote pode muito bem ser seu sucessor. E, depois de vencer alguns obstáculos pessoais, é consagrado bispo por Megalio, primado da Numídia, no ano de 395.

Pouco depois, morre Valério, e sobre as costas de Agostinho cai o peso daquela diocese. As qualidades pessoais do novo bispo, sua santidade, seus dotes de governo e suas faculdades como escritor e pregador vão fazer de Agostinho o bispo mais célebre de seu tempo.

A dignidade episcopal é para Agostinho uma carga pesada que só por obediência poderá suportar. Entregue, por completo, a serviço de seus irmãos, por amor a Deus, vai superar todas as dificuldades que traz consigo aquele tal cargo. Sabe que a Igreja de Cristo necessita-lhe para defendê-la de todos os perigos que surgem ao seu redor.

O mais importante, aos olhos de Agostinho bispo, é o anúncio da Palavra de Deus aos fiéis que lhe foram recomendados. A pregação é o primeiro e fundamental de seus deveres. E ao ofício de pregador dedicará todas as suas forças, durante 34 anos — tempo que vai durar sua vida como bispo.

Pregador do Evangelho

Incansável, prega todos os dias, e, às vezes, duas ou três vezes ao dia. Estão conservados mais de quinhentos sermões seus, escritos por seus fiéis secretários.

E podemos afirmar que isso, por muito que pareça na vida fecunda de Agostinho como escritor, representa tão somente uma parte do que ele realmente pregou.

A pregação de Agostinho é uma conversa direta com seus fiéis, que reagem com espontaneidade, quando algo que ouvem da boca de seu bispo lhes choca ou chama a atenção.

Os fiéis de Hipona são pessoas bem mais simples: camponeses, marinheiros, pequenos comerciantes, artesãos, e, às vezes, não compreendem o que lhes diz o bispo. E este, para manter-lhes viva a atenção, não pensa duas vezes em contar historinhas, empregando comparações da vida de todos os dias, do campo, do mar, da vida dos pássaros, dos animais. Agostinho busca, graças a todos estes meios, que os ouvintes o escutem e compreendam a mensagem que deseja fazer chegar até eles.

CAPÍTULO 9 OS ANOS DIFÍCEIS

A vida de Agostinho como bispo transcorre entre Hipona e Cartago, onde tem que vir muitas vezes para cumprir com o dever de caridade para com seus colegas no episcopado.

Em Cartago, celebram-se as reuniões mais solenes da Igreja da África. Ali, têm lugar os congressos ou reuniões com os inimigos da Igreja. E, em todos os casos e acontecimentos de especial importância, Agostinho é um dos convidados a tomar parte nas discussões.

Nos primeiros anos do século V, sentem-se os reflexos das invasões dos godos, dos vândalos e de outras tribos do norte em seus movimentos expansionistas.

O saque de Roma

Em 24 de agosto do ano 410, os godos de Alarico entraram em Roma pela Via Salaria e puseram fogo na cidade imperial. O saque da cidade durou, segundo a história, três dias e três noites. Embora as crônicas falem de uma destruição completa, parece que, na realidade, não foi tanto assim, ainda que se possa certamente falar de uma verdadeira catástrofe.

Os pagãos que, todavia, existiam, atribuíram aquela desgraça nacional aos cristãos por terem abandonado o culto aos deuses pagãos, protetores solícitos do Império romano.

Agostinho teve que se pronunciar contra aquelas acusações, e assim escreveu a *Cidade de Deus*, onde expõe a realidade da história vista a partir da concepção cristã de que os fatos ocorrem no mundo de acordo com os planos universais da providência.

A sociedade romana, ante as invasões dos bárbaros, vai se decompondo pouco a pouco. Assim, não é de se estranhar a atitude dos pagãos nas ruas de Cartago. Apesar de tudo, o imperador Honório quer, a todo custo, restabelecer a unidade na Igreja da África.

Concílio de Cartago

E para tanto, convoca os bispos católicos e donatistas para que se reúnam em Cartago, sob a presidência do legado imperial Marcelino.

São 18 bispos por partido. Em 8 de junho, do ano 411, Agostinho faz uma exposição tão brilhante da Igreja católica, que o legado Marcelino condena os donatistas a que entreguem suas igrejas aos católicos.

Porém, a paz não vai durar muito tempo em Cartago. Há sempre intrigas e desejo de poder naquela sociedade, onde eram tão freqüentes os motins de generais. O imperador Honório saberá reagir energicamente contra Heracliano, e o submeterá com facilidade.

Os donatistas seguem lutando, descontentes com a atitude do legado Marcelino, que é decapitado, apesar da intervenção vigorosa de Agostinho junto ao conde Marino.

O monge Pelágio

Os erros vão sucedendo-se, quase sem interrupção. Aos donatistas e maniqueus, que Agostinho busca identificar como evidentes inimigos da verdadeira Igreja, unem-se, mais tarde, os partidários de um monge bretão, chamado Pelágio. Este crê que o homem, por suas próprias forças, pode praticar o bem, sem necessidade da graça e dos auxílios divinos. Basta querer o bem, e o homem pode realizar esse desejo por si mesmo, sem a ajuda de Deus.

As qualidades humanas de Pelágio, que é um monge virtuoso e honrado, tentam enganar os cristãos. Inclusive, o próprio papa Zósimo aprova a doutrina pelagiana, que outros bispos condenam, juntamente com Agostinho.

O imperador expulsa Pelágio de Roma; e, imediatamente, o papa Inocência I, no ano de 417, condena solenemente a heresia pelagiana. Neste combate anti-pelagiano, Agostinho ganha o título de "Doutor da graça".

À margem dos problemas essencialmente próprios da Igreja, Agostinho sente-se também preocupado com os problemas materiais e terrenos referentes ao futuro da sociedade romana, na Itália e demais províncias romanas.

O conde Bonifácio chega a defender com valentia a cidade de Marsellia contra os godos. Pouco depois, é nomeado governador da África.

Diante dos desejos do conde Bonifácio de tornar-se monge após a morte de sua esposa, Agostinho o aconselha a seguir à frente do exército, pois Roma e a Igreja têm necessidade dele para sua defesa *"Inclusive, com as armas, lhe diz, podeis servir a Deus. Às vezes, há que se fazer a guerra para conservar a paz"*.

Agostinho sabe muito bem que, em tempos de extremo perigo, pôr a espada a serviço da justiça é um dever de consciência. É certo que, se o homem estivesse submetido à lei de Deus, não haveria necessidade de guerra. Porém, quando o equilíbrio da paz se rompe, há que se estabelecê-lo a todo custo...

O conde Bonifácio, que durante algum tempo havia seguido fielmente os conselhos de Agostinho, pouco a pouco, foi mudando de conduta. Contraíndo segundas núpcias com uma jovem ariana, viu-se profundamente influenciado por sua nova esposa. Consentiu em batizar sua filha na heresia e se entregou a toda classe de desordens.

No ano de 427, como conseqüências das intrigas palacianas, cujo segredo não conhecemos a fundo, Bonifácio foi destituído de seu mandato e declarado inimigo público.

O perigo dos vândalos

No lugar de submeter-se à autoridade, o conde rebelou-se contra Roma, e chamou para ajudá-lo os vândalos, que, naquela ocasião, já haviam chegado à Espanha.

Genserico e seus exércitos acudiram prontamente ao chamado de Bonifácio e a província mais rica do império romano viu-se presa do fogo e das armas inimigas.

Posidio, bispo de Calama, testemunha ocular da invasão dos bárbaros, deixou-nos essa descrição desoladora:

“Algum tempo depois, dispôs a providência divina que numerosas tropas de bárbaros cruéis, vândalos e alanos, mesclados com os godos e outras gentes vindas da Espanha, dotadas de toda classe de armas, e experimentadas em guerra, desembarcassem e entrassem na África.

Logo que atravessaram as regiões da Mauritânia, penetraram em nossas províncias, deixando em todas as partes os sinais de sua crueldade e barbárie, assolando a tudo com incêndios, saques, pilhagens, despojos e outros inumeráveis e horríveis males.

Não tinham nenhuma consideração nem com sexo nem com idade. Não perdoavam a sacerdotes nem a ministros de Deus, nem respeitavam os ornamentos sagrados, nem os edifícios dedicados ao culto divino” - (Vida de Santo Agostinho, 28)

Ante às hordas bárbaras, alguns bispos preferiram permanecer ao lado de seus fiéis, para sustentá-los com seu exemplo naquelas horas difíceis. Outros, ao contrário, tinham fugido. Acreditavam que, por restarem pouquíssimos fiéis, também eles, bispos e sacerdotes, poderiam abandonar a diocese e as paróquias a eles recomendadas.

Agostinho admitiu a razão. Mas, não chega a compreender por que todos tenham fugido o mais rápido possível. Na realidade, tinha que ter havido uma digna superação para ver quem ficava com os fiéis.

Embora o conde Bonifácio acabasse de se reconciliar com o governo de Ravena, e ainda que o conde Dario houvesse sido enviado pela corte para travar negociações definitivas, já era tarde. A conversa de Dario com Bonifácio foi muito positiva.

Porém, os bárbaros, ante a perspectiva de apoderar-se daquele rico território do Império, que era a África, não fizeram caso de nada. Bonifácio declarou guerra aos vândalos, mas estes o venceram e o obrigaram a refugiar-se em Hipona.

Assédio de Hipona

Em fins de maio ou princípios de junho, do ano 430, os Vândalos começaram o assédio de Hipona. Agostinho não modificou em nada de sua vida ordinária: orar, ler, escrever, ensinar o Evangelho e ajudar os seus fiéis.

Seu biógrafo, Posidio, conta-nos os últimos dias de Agostinho:

“Catorze meses durou o assédio completo, pois bloquearam a cidade totalmente até a parte do litoral. Ali, me refugiei com outros, e ali permanecemos durante o tempo do assédio. O tema de nossas conversas era a comum desgraça...

Um dia, conversando à mesa com Agostinho, este nos disse: “Havereis de saber que eu, neste tempo de angústias, tenho pedido a Deus que livre a cidade do cerco dos inimigos ou, se é outro o seu beneplácito, fortifique a seus servos para que cumpram sua vontade, ou então, que me arrebate deste mundo para junto dele”.

Dizia isto para nossa instrução e edificação. E depois, com seu exemplo, nós, todos os nossos e os cristãos da cidade, elevávamos a Deus a mesma súplica”- (Vida de Santo Agostinho, 28-29)

Enfermidade de Agostinho

Deus escutou as orações de seu servo. Antes mesmo que terminasse o terceiro mês do assédio, Agostinho caiu enfermo. Ao sentir as altíssimas febres de sua enfermidade, deu-se conta de que seus dias estavam contados. Agostinho nunca havia desfrutado de uma boa saúde. O conde Dario enviou-lhe alguns remédios que seu médico havia recomendado-lhe. Porém, Agostinho era ancião, e as fadigas, as emoções, as angústias e as privações impostas pelo cerco não eram o melhor ambiente para sua enfermidade.

Os dias da enfermidade foram para Agostinho uma boa ocasião para recordar sua vida passada e para dar graças a Deus pelos benefícios recebidos, tempo em que também pedia perdão aos irmãos e a Deus pelos pecados de sua vida passada.

Na parede de seu quarto, foram copiados alguns salmos penitenciais que o enfermo podia recitar deitado em seu leito. Não cessava de repetir os salmos que, em tantas ocasiões, havia cantado na Igreja com seus fiéis.

Legado de livros.

Agostinho era pobre e nada havia reservado para si. Tudo havia repartido entre os fiéis e os pobres que batiam à porta de sua casa. Reservara-se, tão somente, seus livros. Os que ele havia escrito e os que havia adquirido ou recebido de seus amigos. Uma de suas recomendações foi que conservassem cuidadosamente sua biblioteca.

Agostinho queria que seus discípulos fossem amigos de seus livros, nos quais Deus seguia ditando suas palavras de vida eterna.

Agostinho tinha, todavia, a viva recordação daquele livro de Cícero, o *Hortensius*, que lhe fizera mudar de vida. Não podia esquecer também das *Enéadas*, de Plotino, que lhe ajudaram a avançar no caminho de Deus. E como iria prescindir do livro dos livros, a Bíblia, cuja leitura, explicação e meditação dedicara todos os anos de sua tarefa sacerdotal e episcopal?

Aí, estava o testamento do bispo de Hipona, que desejava que seus filhos, seus discípulos, seus monges fossem amigos incansáveis de sua biblioteca — a única riqueza que lhes deixava como preciosa herança.

Morre Agostinho

E depois de 40 anos de luta em prol da Igreja, Agostinho entrava em agonia, para ser recebido com júbilo na cidade santa de Deus.

Em 28 de agosto, do ano 430, o filho de Patrício e Mônica, Agostinho, o bispo de Hipona, dormia na paz do Senhor.

Estava com experientes 75 anos, 10 meses e 15 dias.

CONTEMPORÂNEOS DE AGOSTINHO

Atanasio de Alejandria	295	373
Basilio de Cesarea	329	379
Gregorio Nacianceno	h. 330	h. 395
Evagrio del Ponto	346	399
Juan Crisóstomo	344	407
Teodoro de Mopsueste	h. 350	428
Sinesio de Cirene	h. 370	h. 430
Cirilo Alejandrino	315	386
Teodoreto de Ciro	h. 393	h. 453
AGUSTÍN DE HIPONA	354	430
León Magno	¿?	461
Próspero de Aquitania	390	463
Juan Casiano	360	432
Paulino de Nola	353	431
Ambrosio	340	397
Jerónimo	h. 345	h. 419
Martín de Tours	316	396
Hilario de Poitiers	h. 315	367
Mario Victorino	h. 300	370